

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 10 – Informação e Memória

DO ESQUECIMENTO PASSIVO À RECORDAÇÃO ATIVA: BIOGRAFIA DE UMA LUNETA

FROM PASSIVE FORGETTING TO ACTIVE REMEMBERING: BIOGRAPHY OF A TELESCOPE

Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro – Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Márcia Cristina Alves – Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O Museu de Astronomia e Ciências Afins detém a guarda do acervo de objetos procedente do Observatório Nacional, coleção musealizada em 1985 e tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no ano seguinte. O trabalho apresenta a biografia de uma luneta equatorial centenária, preservada *in situ* em uma cúpula de observação e exposta ao público. A preservação do instrumento ilustra questões relacionadas à memória cultural, como compreendida por Aleida Assmann, enfatizando atos de recordação ativa e esquecimento passivo, bem como as duas formas de memória cultural: o cânone, que caracteriza as instituições de memória ativa, e o arquivo, que caracteriza as instituições de memória passiva. A trajetória da luneta, alvo de atos de recordação ativa, é atravessada por pessoas, instituições, eventos e outros objetos, dentre os quais um instrumento construído com recursos pessoais do Imperador D. Pedro II visando a participação do Observatório no projeto internacional “*La Carte du Ciel*” e que não resistiu às condições precárias de guarda nas antigas instalações do Observatório.

Palavras-chave: memória cultural; biografia cultural das coisas; Coleção Observatório Nacional.

Abstract: Museu de Astronomia e Ciências Afins holds custody of the collection of objects from the National Observatory, which was musealized in 1985 and was listed as a heritage site in 1986. This paper presents the biography of a century-old equatorial telescope, preserved *in situ* in an observation dome and exposed to the public. The preservation of the instrument illustrates issues related to cultural memory, as addressed by Aleida Assmann, emphasizing acts of active remembering and passive forgetting, as well as the two forms of cultural memory: the canon, which characterizes institutions of active memory, and the archive, which characterizes institutions of passive memory. The telescope was the target of active remembering actions and its trajectory is crossed by people, institutions, events and other objects. Among these objects, an instrument commissioned by Emperor D. Pedro II and built with his personal resources stands out, aiming at the Observatory's participation in the international project “*La Carte du Ciel*” and which did not withstand the precarious storage conditions in the Observatory's old facilities.

Keywords: cultural memory; cultural biography of things; National Observatory Collection.

1 INTRODUÇÃO

O texto que se segue aborda a coleção procedente do Observatório Nacional (ON), integrante do acervo fundador do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), a partir do

conceito de memória cultural conforme compreendido por Aleida Assmann (2006, 2010, 2011), para quem o esquecimento é parte intrínseca da memória. Traçando um paralelo entre a memória comunicativa e a memória cultural, a autora ressalta a fragilidade da primeira, baseada em lembranças transmitidas oralmente por gerações consecutivas, e da dependência da segunda de espaços de armazenamento externos como arquivos e museus, nos quais a memória é preservada e disseminada. Seja individual ou coletiva, toda forma de memória se define por meio de uma divisão entre o que é lembrado e o que é esquecido.

A memória cultural “é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentem à situação” (Assmann, J., 2016, p. 118). Dentre os mecanismos de exteriorização da memória cultural destaca-se o arquivo, baseado em sistemas de registro baseados na escrita, “que removeu a memória de dentro do ser humano e a tornou fixa e independente dos portadores vivos” (Assmann, A., 2011, p. 367).

Assim como a memória individual, a memória cultural é altamente seletiva e condicionada por uma dinâmica entre lembrança e esquecimento, que se apresenta de forma ativa e passiva. Enquanto o esquecimento ativo, cujo exemplo mais emblemático é a censura, é caracterizado pela destruição e apagamento intencionais, o esquecimento passivo é provocado por atos não intencionais como negligência, perda, dispersão etc.

O objetivo do trabalho é refletir sobre a dinâmica lembrança-esquecimento que caracteriza a memória e comporta atos intencionais e involuntários. A reflexão parte de uma luneta equatorial preservada *in situ* no interior de uma cúpula de observação. O estudo, que adota uma abordagem qualitativa, foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa “Musealização como processo informacional”¹ e adota a metodologia da biografia cultural das coisas, conforme proposta por Igor Kopytoff (2008).

Assim como sua preservação e exposição ao público, a biografia da luneta e da cúpula é pensada, a partir do conceito de memória cultural, como um ato de recordação ativa (Assmann, A., 2010).

2 A COLEÇÃO OBSERVATÓRIO NACIONAL

¹ Projeto de pesquisa coordenado pela primeira autora e desenvolvido na Coordenação de Museologia do MAST.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

O Observatório Nacional (ON) foi criado em 1827 como Observatório Astronômico por D. Pedro I. Funcionou inicialmente em um torreão da Escola Militar, em seguida no Forte da Conceição e, mais tarde, no Morro do Castelo, onde decorreu grande parte de sua existência e permaneceu até 1920, quando foi definitivamente transferido para sua sede atual, no bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Henrique Morize (1860-1930), que dirigiu a instituição de 1909 a 1929, ressalta que a antiga igreja que abrigou o Observatório no Morro do Castelo “estava em acentuado estado de ruína, que motivou veementes reclamações por parte de seus sucessivos diretores” (Morize, 1987, p. 39). De fato, os relatórios enviados anualmente insistiam na urgência de transferir o estabelecimento para um local mais adequado, informando ainda que muitos dos instrumentos de grande porte permaneciam encaixotados por longos períodos por falta de espaço e sofriam com as condições desfavoráveis das antigas instalações do Morro do Castelo.

Lélio Gama (1892-1981), diretor da ON de 1951 a 1967, ingressou na instituição quando ainda funcionava no Morro do Castelo, e enfatizou o estado precário do prédio, que “mal comportava a montagem de uma luneta para observação da hora, e de um pequeno telescópio equatorial” (Gama, 1977, p. 4).

Ao longo do período em que esteve a serviço do Observatório, o conjunto de instrumentos e acessórios que dariam origem à Coleção Observatório Nacional sofreu baixas ocasionadas pelo uso e más condições de guarda. Como a maior parte do patrimônio de ciência e tecnologia, esses objetos encontravam-se em uma instituição que não tem a preservação como missão, nem orçamento ou pessoal qualificado para tal (Lourenço, 2009).

Embora o ON não se caracterize como espaço de preservação da memória cultural, pode-se afirmar, com alguma reserva, que os casos de perda foram ocasionados por atos de “esquecimento passivo” (Assmann, A., 2010). Cabe, no entanto, enfatizar ações voltadas à “recordação ativa” (Assmann, A., 2010). Em setembro de 1920, quando as obras da sede do Observatório estavam em fase de conclusão, um jornal carioca descreveu o prédio em detalhes e registrou a existência de “[...] um museu dos primeiros modelos de aparelhos utilizados no observatório [...]” (O Novo Observatório, 1920, p.3), o que sinaliza uma intenção de preservar alguns dos instrumentos não mais em uso e um possível ato voltado à fabricação de uma memória.

No início da década de 1980, outras ações do ON podem ser apontadas: abertura ao público do conjunto de instrumentos e cúpulas do *campus* (1982); montagem de uma

exposição comemorativa do centenário da observação da Passagem de Vênus pelo disco do Sol (1982), que incluiu equipamentos utilizado na expedição à Patagônia para a observação do fenômeno; realização da Mesa Redonda “Preservação da Cultura Científica Nacional” (1982), que reuniu nomes de destaque no cenário científico nacional² e culminou na proposta de criação de um museu; tombamento³ do campus nas esferas estadual⁴ e federal. Em 1985, foi criado o Museu de Astronomia e Ciências Afins, que ficou responsável pela preservação do acervo museológico e arquivístico (Andrade; Cazelli, 2014).

Após a criação do MAST, Gilberto Oliveira da Silva, um antigo funcionário do ON transferido para o Museu, elaborou um documento manuscrito e de circulação interna, que é conhecido como “Inventário do Major”, baseado em Morize (1987), Gama (1977) e em documentos do Observatório no Arquivo do MAST. A biografia apresentada a seguir teve como pontos de partida o referido inventário e a base de dados do acervo museológico.

3 A LUNETAS EQUATORIAL 21 E SUA CÚPULA: UMA BIOGRAFIA

O instrumento que é objeto da biografia cultural aqui apresentada é uma luneta equatorial⁵ preservada in situ no interior de uma cúpula de observação. A abordagem biográfica aos objetos foi proposta por Kopytoff (2008) que, por sua vez, baseou-se no antropólogo inglês William Halse R. Rivers (1864-1922). Em uma obra dedicada ao método genealógico de pesquisa antropológica, publicada em 1910, Rivers sugeriu que, no estudo das regras para a herança em uma dada sociedade, fosse observado “o movimento real de um objeto particular, tal como um lote de terra, notando concretamente como ele passa de mão em mão”. O que Rivers propôs “foi uma espécie de biografia das coisas com base na posse” (Kopytoff, 2008, p. 92). Conforme Kopytoff, pode-se dirigir às coisas “perguntas similares às

² Mário Schenberg, José Leite Lopes, Luiz Muniz Barreto, Carlos Chagas Filho, Maurício Mattos Peixoto, Crodowaldo Pavan, Simão Mathias, Shozo Motoyama, Fernanda Moro, Lício da Silva, George Leite Zarur, Ronaldo Mourão.

³ O tombamento pela Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN (atual IPHAN) foi solicitado por nomes notáveis da cultura, artes e ciência, como Oscar Niemeyer, Sergio Bernardes, Carlos Drummond de Andrade, José Reis, Nelson Werneck Sodré, Luiz Pinguelli Rosa, e Antônio Houaiss, entre outros.

⁴ O processo de tombamento no Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC teve início em 1983 e foi concluído em 1987. No SPHAN, o processo teve início em 1984 e foi concluído em 1986.

⁵ Luneta ou telescópio refrator é um instrumento óptico que amplia a imagem de objetos distantes. De forma diferente do telescópio refletor, que utiliza espelhos para formar a imagem, o sistema óptico de uma luneta consiste de duas lentes: a objetiva, que produz uma imagem real de um objeto distante, e a ocular, através da qual a imagem é vista. O instrumento biografado é uma luneta equatorial. O qualificativo equatorial refere-se à montagem, que faz com que a luneta se desloque paralelamente ao plano do Equador (Mourão, 1987).

que se fazem as pessoas”, a fim de saber de onde vem, quem fabricou, como mudam seus usos ao longo da vida, o que ocorre quando sua utilidade chega ao fim etc.

O instrumento, registrado sob o número 1994/0135, é mais conhecido como Luneta equatorial 21, equatorial de Heyde ou simplesmente luneta 21, numeração referente ao diâmetro da sua objetiva. É equipado com uma câmera, que permite que funcione como uma equatorial fotográfica. A biografia apresentada teve como ponto de partida o já mencionado “Inventário do Major” e o dossiê do objeto no Serviço de Documentação e Conservação de Acervos do MAST.

Figura 1 – Luneta Equatorial 21



Foto: Jaime Acioli / Acervo MAST (2010)

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

No início de sua biografia, a luneta é uma mercadoria⁶. Ela foi encomendada em 1910 pelo ON à Casa *Gustav Heyde*⁷, de Dresden (Alemanha), através do fornecedor de instrumentos científicos *Janowitz, Wahle & Cia*⁸. Segundo o “Inventário do Major”⁹, a encomenda incluía um aparelho fotográfico de 13X18cm com objetiva Tessar de 120mm e uma cúpula de ferro, e o valor total foi 17:955\$000.

Em 10 de outubro de 1910, um ofício encaminhado ao Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio informava que a cúpula destinada à luneta já havia chegado, e solicitava as providências para a instalação do instrumento, que estava a caminho.

Havendo já chegado a cúpula e estando prestes a chegar o novo equatorial astronômico de 20 centímetros de abertura, já embarcado, é de imprescindível necessidade tratar-se sem demora da sua instalação, porquanto o velho equatorial acha-se imprestável, em condições taes que d’ella nada mais é possível exigir-se (Observatório Nacional, 1910).

O instrumento chegou ao Porto do Rio de Janeiro em 28 de outubro do mesmo ano e sua instalação na antiga sede do ON no Morro do Castelo foi realizada por Joaquim Ferreira Brandão, pela quantia de 4:700\$000.

Em 1920, a luneta, até então em uso na antiga sede do Morro do Castelo, foi desmontada e levada para as novas instalações, cujas obras ainda não tinham sido finalizadas. A transferência foi motivada pela iminente visita da Rainha da Bélgica, que não foi concretizada. O instrumento foi instalado em caráter provisório na cúpula (figura 2) destinada abrigar a equatorial fotográfica destinada ao Projeto “*La Carte du Ciel*” (Carta do Céu), empreendimento de cooperação internacional para o qual o Brasil foi convidado pelo governo francês por ocasião do Congresso Astrográfico realizado em Paris em 1887.

⁶ Kopytoff (2008) rejeita a ideia, comumente aceita no pensamento ocidental contemporâneo, de que “as coisas - objetos materiais e o direito de tê-los - representem o universo natural das mercadorias” em oposição às pessoas, “representando o universo natural da individualização e da singularização” (Kopytoff, 2008, p. 89-90). Trata-se, para o autor, de uma polarização recente e excepcional. Ressaltando que pessoas foram, ao longo da história, escravizadas, e portanto, tratadas como mercadorias, argumenta que coisas podem ser também individualizadas e singularizadas, e que o estatuto de mercadoria é provisório e circunstancial.

⁷ Empresa dirigida por Gustav Heyde, que fundou uma oficina de mecânica fina em Dresden em 1872. Com o tempo, a empresa ganhou reputação mundial na fabricação de câmeras e instrumentos geodésicos e astronômicos (Národní Technické Muzeum, [s.d.]).

⁸ Empresa estabelecida em 1907 no Rio de Janeiro.

⁹ Informação coletada no ofício nº 200 de 1/8/1910 dirigido ao Ministério.

Figura 2 – Pavilhão da luneta 21



Foto: Jaime Acioli / Acervo MAST (2010)

Luiz Muniz Barreto¹⁰ (1987) registra a inconveniência de ter uma cúpula vazia com a proximidade da malograda visita da rainha, diante da impossibilidade de instalar a equatorial da Carta do Céu, uma vez que “parte das engrenagens se havia deteriorado pelas condições precárias do Castelo”. Ressalta ainda “a habilidade, a improvisação e a competência profissional de Domingos Fernandes da Costa¹¹” ao instalar a luneta 21 em uma cúpula de 7,5m. “Com essa solução de genial improvisação”, prossegue Muniz Barreto, “o pequeno refrator foi instalado e retificado em poucos dias” (Barreto, 1987, p. 126-127).

Gonzalez (1989) ressalta a grandiosidade do projeto Carta do Céu, “dirigido a catalogar completamente os astros da abóbada celeste, visíveis por meio dos mais potentes instrumentos de observação da época” (Gonzalez, 1989, p.325, tradução nossa). À época, o Imperador D. Pedro II custeou do próprio bolso as despesas com a construção de um instrumento do tipo recomendado aos países colaboradores, e cedeu a Fazenda Imperial de

¹⁰ Luiz Muniz Barreto dirigiu o ON de 1967 a 1979 e de 1982 a 1985. Sua explanação se baseia não apenas em documentos, mas também em relatos de antigos funcionários.

¹¹ O astrônomo Domingos Fernandes da Costa trabalhou no Observatório Nacional de 1909 e 1956, e acompanhou a mudança da instituição do Morro do Castelo para a atual sede.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Santa Cruz para abrigar o Observatório e instalar o equipamento (Gama, 1977). Após a Proclamação da República, no entanto, a transferência do ON para Santa Cruz foi descartada.

O Relatório de 1891 registra a desapropriação de um terreno no bairro carioca de Santa Tereza e a construção de novas instalações “segundo as plantas elaboradas pela Diretoria Geral das Obras Militares”. A urgência, segundo o relatório, devia-se ao fato de que “o Observatório já se acha de posse não só do equatorial fotográfico destinado ao levantamento do mapa do céu [...] bem como da cúpula metálica destinada a abrigar o mesmo equatorial” (Ministério da Guerra, 1891, p. 25).

As novas instalações em Santa Tereza não saíram do papel. Quanto à equatorial doada por D. Pedro II, “durante os 27 anos que este instrumento jazeu sem montagem, a parte metálica se enferrujou, ficando praticamente inutilizada” (Brasil, 1921, p. 233). Os danos sofridos pelo instrumento foram registrados em diversos relatórios anuais. Em 1908, o diretor do ON informava que o edifício do Castelo ocupava “parte das alas laterais de uma igreja incompleta e arruinada”, e que “uma equatorial fotográfica doada por D. Pedro II” ainda não estava instalada por falta de espaço (Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, 1908, p. 463).

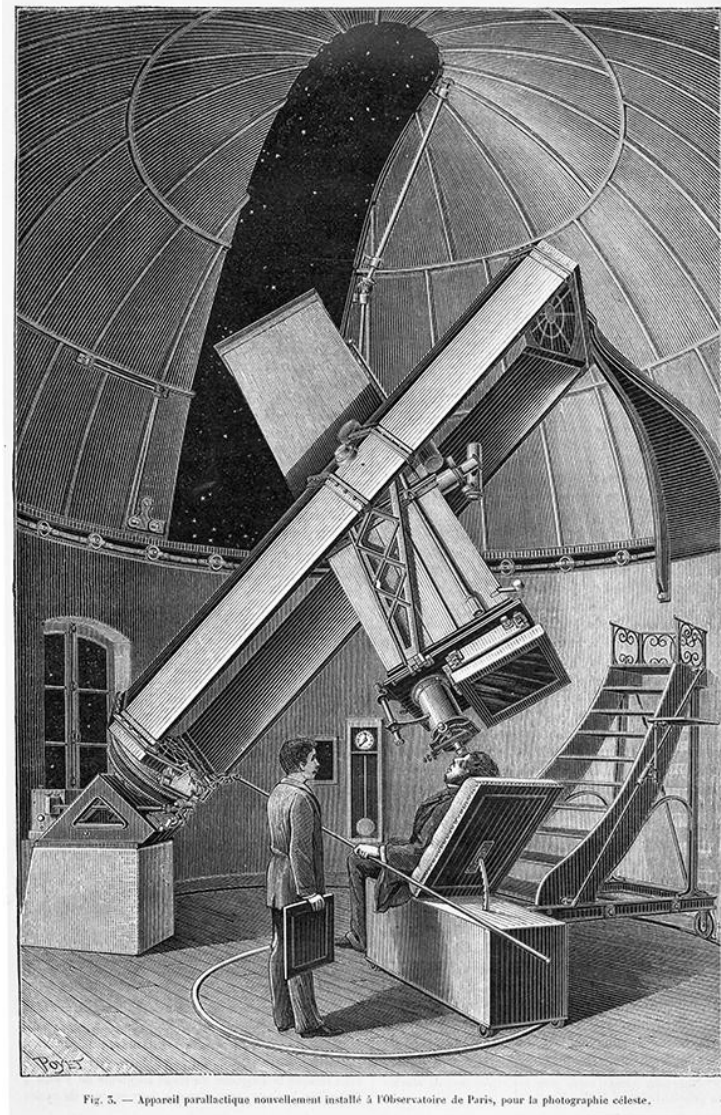
Sobre alguns instrumentos de grande porte, entre os quais “a equatorial fotográfica doada pelo Imperador”, Gama (1977, p. 5) acrescenta:

[...] Não havia espaço, no Castelo, onde se instalar um só desses instrumentos. Nem tão pouco espaço havia, sequer, para abrigá-los. Tiveram de ficar encaixotados, ao relento, no pátio interno do edifício. Os pedidos de verba já agora não visavam mais a transferência da sede, mas sim a proteção desse precioso equipamento contra a umidade, o cupim, a deterioração por inércia.

Não foram encontrados registros fotográficos da luneta mandada construir pelo Imperador, mas o instrumento é similar ao de outros observatórios participantes do Projeto Carta do Céu. Ao longo das reuniões que ocorreram no Congresso Astrofotográfico Internacional, foram votadas 24 resoluções, dentre as quais a exigência de que “os trabalhos deveriam ser realizados em estações convenientemente eleitas e **com instrumentos idênticos** em suas características essenciais” (González, 1989, p.327, tradução nossa, grifo nosso). Até março de 1888, 13 observatórios já haviam ordenado a construção dos instrumentos (Gonzalez, 1989). A figura 3, a seguir, apresenta o protótipo da Equatorial Carta do Céu

construída em 1885 por Gautier¹² para o Observatório de Paris, idêntica ao instrumento doado por D. Pedro II.

Figura 3 – A Equatorial Carta do Céu do Observatório de Paris



Fonte: Observatório de Paris (2018)

O Relatório referente ao ano de 1920 informava que as novas instalações do ON em São Cristóvão estavam praticamente terminadas, faltando alguns detalhes que não haviam sido concluídos por insuficiência de recursos, entre os quais:

[...] a edificação da cúpula e a reconstrução da **equatorial de Heyde, que esteve instalada no Castelo até a última hora e foi transportada para S. Januário em outubro último**. A cúpula metálica sofreu com o transporte e será reconstruída, com alguma dificuldade. A luneta está provisoriamente instalada na cúpula da equatorial

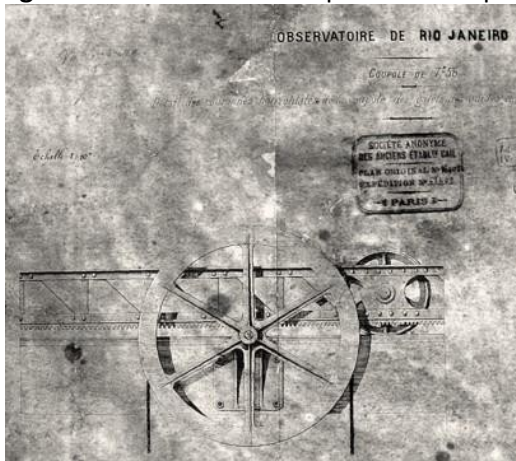
¹² Paul Ferdinand Gautier (1842-1909) foi um fabricante de instrumentos francês que, em 1885, construiu um protótipo que veio a ser adotado no projeto Carta do Céu (Brenni, 1996).

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

doadada por D. Pedro II, a qual era destinada à fotografia da carta do céu, em que o Brasil não pôde desempenhar a parte que lhe cabia e se havia oficialmente comprometido a fazer [...] (Brasil, 1921, p.231, grifo nosso).

Como informa Morize (1987, p.114), a cúpula foi adquirida após a concessão de crédito de 30:000\$000 pela Assembleia Legislativa em 1889 e foi realizada pela firma francesa *Société Anonyme des Anciens Établissements Cail*¹³, mesmo construtor das encontradas em outros observatórios que cooperaram no Projeto Carta do Céu, como o de San Fernando, na Espanha (Gonzalez, 1989). Essa informação é confirmada por um conjunto de plantas integrantes do acervo do Arquivo de História da Ciência do MAST, restauradas pelo Laboratório de Conservação e Restauração de Documentos em Papel (LAPEL/MAST). As figuras 4 e 5 apresentam detalhes de uma das plantas com o nome do Observatório do Rio de Janeiro no cabeçalho e o carimbo da firma construtora (Alves, 2021; 2022).

Figuras 4 e 5 – Detalhes de plantas da cúpula do instrumento destinado ao Projeto Carta do Céu



Fonte: *Société Anonyme des Anciens Établissements Cail*, [s.d.].

A luneta 21 foi utilizada por cerca de seis décadas para “observação de diversos cometas, planetas, estrelas variáveis, ocultações de estrelas e medidas micrométricas de estrelas duplas” (Rodrigues, 2012, p. 34). O instrumento é preservado *in situ* e sua abertura ao público antecede a criação do MAST que, desde 1985, detém a guarda do acervo, arrolado no processo de tombamento pelo então SPHAN (atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN), concluído em 1986. Em 1920, foi instalado em caráter provisório

¹³ A *Société Anonyme des Anciens Établissements Cail* substituiu a firma J.F. Cail (dissolvida em 1881), fabricante de equipamentos ferroviários e de refinaria de açúcar. A nova empresa diversificou as atividades, fabricando material de artilharia, entre outros equipamentos (Callite, 1993).

na cúpula destinada ao instrumento doado pelo Imperador, situação que se tornou definitiva e é mantida até os dias atuais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia proposta por Kopytoff em sua obra “A biografia cultural das coisas” vem sendo adotada há quase duas décadas em estudos sobre objetos do acervo museológico do MAST. Susan Pearce (1992, p. 15-17) ressalta que a materialidade dos objetos os distingue de outras criações imateriais como a música e a poesia, acrescentando que o poder de sobrevivência física dos objetos lhes confere uma relação única com outros tempos e espaços e que suas vidas são passíveis de gerar estudos a partir de métodos historiográficos. Essa observação é confirmada por Samuel Alberti (2005), que recomenda o uso da metodologia pelos museus, ressaltando que objetos traçam trajetórias complexas e circulam no interior de redes que antecedem o ingresso no museu, e pelas quais circulam indivíduos, instituições, especialistas e audiências. A análise dessas redes contribui para a construção da memória da instituição que os coleta, estuda, preserva e divulga. Como observou Jim Bennet (2005), biografar objetos de museu pode ser uma “ferramenta poderosa para compreender os conjuntos de pressupostos, ambições e crenças que o museu incorpora e como estes mudam ao longo do tempo” (Bennet, 2005, p. 604, tradução nossa).

A biografia cultural da luneta 21 e de sua cúpula é proposta neste estudo como um ato de recordação ativa, enquanto o desaparecimento da luneta Carta do Céu é abordado como ato de esquecimento passivo.

Embora um observatório não tenha a preservação como missão, necessita zelar pela conservação de seu instrumental para mantê-lo em condições de uso. Gama (1977) registrou as condições precárias da antiga sede do ON, que não oferecia condições para a instalação e sequer para a guarda de instrumentos de grande porte, que permaneciam ao relento em um pátio interno do edifício, sujeitos à deterioração por inércia. A antiga luneta Carta do Céu permaneceu por cerca de três décadas desmontada, e a ferrugem destruiu a parte metálica.

Como ressalta Assmann, o esquecimento é a regra enquanto a lembrança é exceção, e ambos têm um lado ativo e outro passivo. A lembrança ativa é dependente de instituições culturais, a partir das quais é possível distinguir duas formas de memória cultural: o cânone, característico das “instituições de memória ativa, que preservam *o passado como presente*”, e o arquivo, característico das “instituições de memória passiva, que preservam *o passado*”

como *passado*” (Assmann, A., 2010, p. 98, tradução nossa). O cânone é ilustrado pelo museu, que, em suas áreas expositivas, apresenta suas coleções de forma significativa, enquanto a forma arquivo corresponde não apenas aos arquivos propriamente ditos, mas também às reservas técnicas dos museus. Essa tensão entre presente e passado é uma chave para compreender a dinâmica inerente à memória cultural (Assmann, A., 2010).

O caso da luneta 21 e sua cúpula é emblemático da forma cânone. É preservada *in situ* e integrada ao circuito expositivo do MAST. O fato de ser um objeto de grande porte e estar fixa no interior de um pavilhão já delimita a estratégia de apresentação e dificulta sua transferência para espaços destinados à reserva técnica, o que exigiria a desmontagem.

A memória cultural é seletiva e condicionada pela dinâmica lembrança-esquecimento. A biografia da luneta 21 e da cúpula na qual está instalada há mais de um século é emblemática das questões apontadas por Assmann (2010). Trata-se de um dos poucos instrumentos de grande porte que sobreviveram às condições precárias do antigo prédio do Observatório no Morro do Castelo e tomou o lugar reservado à luneta esquecida. Após cerca de uma década de funcionamento no Morro do Castelo, e na iminência de receber a visita (não concretizada) da rainha da Bélgica, foi transferida em 1920 para a nova sede e instalada - inicialmente em caráter provisório - na cúpula adquirida para o Projeto Carta do Céu. Quanto à luneta Carta do Céu, não resistiu aos anos de abandono, e selou o destino da luneta 21, musealizada em 1985, tombada em 1986, e preservada *in situ* há mais de um século.

A construção de biografias culturais de objetos lança luz sobre as inúmeras relações que estabelecem. Acompanhar a trajetória da luneta 21 e da cúpula na qual está instalada permite vislumbrar diferentes temporalidades, e reunir em um mesmo relato instituições, eventos, pessoas e outros objetos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Samuel J. M. M. Objects and the museum. *Isis*, [Chicago], v. 96, p. 559-571, 2005.

ALVES, Márcia Cristina. **Observatórios do Brasil de meados do século XIX e início do século XX: perspectivas de musealização**. 2021. 295 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: www.unirio.br/prae/ppg-pmus/marcia_cristina_alves2.pdf. Acesso em 28 abr. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

ALVES, Márcia Cristina; Granato, Marcus. Notas sobre o projeto de construção da cúpula do pavilhão da luneta 21 do MAST. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 5, 2022, Rio de Janeiro. **Caderno de Resumos expandidos** [...]. Rio de Janeiro: MAST, 2022. p. 92-95. Disponível em: http://site.mast.br/vspct/caderno_de_resumos.html. Acesso em: 28 abr. 2025.

ANDRADE, Ana Maria R.; CAZELLI, Sibebe. Mast, um projeto precursor. *In*: MATSUURA, Oscar T. (org.). **História da Astronomia no Brasil**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2014. p. 359-374. Disponível em: http://site.mast.br/pdf_volume_2/mast_projeto_precursor.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

ASSMANN, Aleida. Memory, individual and collective. *In*: GOODIN, Robert E.; TILLY, Charles. (ed.). **The Oxford Handbook of Contextual Political Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 210-224.

ASSMANN, Aleida. Canon and Archive. *In*: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 97-115.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **Revista História oral**, v. 19, n. 1, p.115-127, 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 28 abr. 2025.

BARRETO, Luiz Muniz. **Observatório Nacional: 160 anos de história**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências; Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro, 1987.

BENNETT, Jim. Museums and the History of Science. *Isis*, [Chicago], v.96, n.4. p. 602-608, [2005?].

BRASIL. **Relatório apresentado ao Presidente da República pelo Ministro do Estado dos negócios da Agricultura, Industria e Commercio Ildfonso Simoes Lopes em 1920**. Rio de Janeiro, Papelaria e Typographia Villas Boas & C., 1921. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=873730&pagfis=22800> Acesso em: 28 abr. 2025.

BRENNI, Paolo. 19th century French scientific instrument makers: the Brunners and Paul Gautier. **Bulletin of the Scientific Instrument Society**, Oxford, n. 49, p. 38, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/44914291/The_Brunners_and_Paul_Gautier_XIX_century_French_scientific_instrument_makers. Acesso em: 28 abr. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

CALLITE, Anne. Cail, constructeur de locomotives. **Revue du Nord**, v. 75, n.300, p.343-358, 1993. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rnord_0035-2624_1993_num_75_300_4824 Acesso em: 28 abr. 2025.

GAMA, Lélío Itapuambyra. **Relatório do Sesquicentenário do Observatório Nacional**. Rio de Janeiro: Observatório Nacional, 1977. Disponível em: <https://www.gov.br/observatorio/pt-br/assuntos/biblioteca/imagem/CienMemLelioGama.pdf> Acesso em: 28 abr. 2025.

GONZALEZ, Francisco Jose G. La carta fotográfica del cielo en España. **LLULL**, [s. l.], v.12, p. 323-340, 1989. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/62062.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

KOPYTOFF, Igor. A Biografia Cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In*: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. p. 89-121.

LOURENÇO, Marta C. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 47-53, jan./jul. 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/45/25> Acesso em: 28 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **Relatório apresentado ao Presidente da República pelo Ministro do Estado dos negócios da Guerra Antonio Nicolao Falcão da Frota**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1891. Disponível em: https://hemeroteca-df.bn.gov.br/720950/per720950_1891_00001.pdf Acesso em: 28 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Indústria, Viação e Obras Públicas Miguel Calmon du Pin e Almeida no ano de 1908**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=873730&pagfis=13046> Acesso em: 28 abr. 2025.

MINISTÉRIO DO IMPÉRIO. **Relatório apresentado pelo Ministro dos Negócios do Império José Fernandes da Costa Pereira Junior**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.

MORIZE, Henrique. Discurso proferido pelo Diretor do Observatório Nacional, por ocasião do lançamento da pedra fundamental dos novos edifícios do mesmo Observatório. Trabalho não publicado, 28 set. 1913. *In*: ARQUIVO HENRIQUE MORIZE. **Inventário Sumário**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1991. p. 24. HM.T. 3007.

MORIZE, Henrique. **Observatório Astronômico; um século de história (1827 - 1927)**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, Salamandra, 1987.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica**. Assistente Maria Lucia de Oliveira Mourão. Prefácio de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NÁRODNÍ TECHNICKÉ MUZEUM. **Zeměměřické a astronomické přístroje používané na území ČR od 16. do konce 20. století**. [S. l.: s. n.], [S. d.]. Disponível em: <https://www.surveyinginstruments.org/col/en/instrument/default/24?obj=man> Acesso em: 28 abr. 2025.

OBSERVATOIRE DE PARIS. **350 ans d'astrométrie à l'Observatoire de Paris**. Paris, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://observatoiredeparis.psl.eu/350-ans-d-astrometrie-a-l.html> Acesso em 28 abr. 2025.

OBSERVATÓRIO NACIONAL. **Ofício ao Ministro da Agricultura, Indústria e Commercio**. Rio de Janeiro: Observatório Nacional, 18 out. 1910.

O NOVO OBSERVATÓRIO. As instalações do Morro de São Januário. **O Jornal**, [Rio de Janeiro], p. 330, set. 1920.

PEARCE, Susan. **Museums, objects and collections**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1992.

RODRIGUES, Terezinha J. A. **Observatório Nacional 185 anos: protagonista do desenvolvimento científico-tecnológico do Brasil**. Rio de Janeiro: Observatório Nacional, 2012.

SOCIÉTÉ ANONYME DES ANCIENS ÉTABLISSEMENTS CAIL. **Observatoire de Rio de Janeiro: Coupole de 7,50**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. (Desenho técnico. Cód. ON PL 0051). Arquivo de História da Ciência – MAST.